



ISSN 1982-999x |

Considerações acerca do Ser (Ens) (Sein) em Aristóteles e Hegel: um Diálogo Possível

Considerations Regarding the Concept of Being (Ens) (Sein) in Aristotle and Hegel: a Viable Dialog

Laura de Oliveira Mello Figueiredo
(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil)

Resumo

O artigo tece considerações sobre o ser em Aristóteles e Hegel, partindo de aspectos fundamentais da metafísica de ambos os autores, para encontrar pontos de convergência entre eles. Inicia com a apreciação da substância e da essência em Aristóteles. Na sequência, discorre acerca do ser enquanto qualidade, a primeira parte da Ciência da Lógica hegeliana, com os momentos de ser puro, ser determinado e ser infinito. Ao final, expõe que Hegel se apropria da divisão da realidade em categorias e enquanto fonte de conhecimento, bem como da potência aristotélica para o movimento dialético. Os métodos de abordagem são o dedutivo e o dialético. O método de procedimento é o comparativo. Por fim, o método de interpretação é o exegético.

Palavras-chave: Aristóteles. Hegel. Metafísica. Ser. Substância. Essência. Ser puro. Ser determinado. Ser infinito.

Abstract

The paper considers the concept of being in Aristotle and Hegel, beginning with the fundamental aspects of each author's metaphysics, to find convergent points between them. Starts with the concept of substance and essence in Aristotle and proceeds to analyze being as quality, as stated in Hegel's Science of Logic, through its developments of pure being, determinate being, and infinite being. It ends with the analysis of Hegel's division of reality in categories as a source of knowledge, as well as Aristotle's concept of potency as developed in the dialectical movement. The approach methods are deductive and dialectical. The procedure method is a comparative one. The interpretation method is exegetic.

Keywords: Aristotle. Hegel. Being, Metaphysics. Substance. Essence. Pure being. Determinate being. Infinite being.



1 Introdução

O presente artigo se propõe a tecer considerações iniciais acerca do conceito do ser (*Ens*) (*Sein*) em Hegel e Aristóteles. O método de abordagem é o dedutivo, passando da análise dos aspectos gerais acerca da doutrina do ser em ambos os autores, para as particularidades características das diferentes abordagens. Ao analisar a obra *Ciência da Lógica*, estaremos nos detendo especificamente na primeira seção – referente à qualidade. Também se emprega o método dialético, posto que se pretende o diálogo, em relação aos seus pontos de convergência e divergência. O método de procedimento é o comparativo, na esteira do já afirmado, sendo pretendida a análise das semelhanças e dessemelhanças no tocante à doutrina do ser. O método de interpretação, por sua vez, é o exegético.

No primeiro momento, apreciamos as características do ser em Aristóteles, passando necessariamente pelas noções de substância e essência. Aqui, apresentamos a substância como o primeiro princípio, no qual buscamos elementos para a resposta à pergunta “o que é”, posto que é a primeira categoria, da qual nada se predica, necessária à inteligibilidade dos objetos cognoscíveis.

Na sequência apresentamos o ser enquanto qualidade em Hegel, e seus momentos de determinação, superação e preservação, no caminho até o ser infinito. Discorreremos sobre o método dialético, que é também conteúdo, em constante atualização, posto que, para Hegel, o ser determina-se dentro e fora de si, em perspectiva relacional, até alcançar a Ideia, que é a categoria superior.

Por fim, discorreremos acerca de alguns dos pontos que entendemos serem convergentes e divergentes nas leituras de ambos os filósofos. Trata-se de uma leitura inicial, com o objetivo de reacender o debate acerca da metafísica, pois vasta é a temática escolhida, e muitas as análises possíveis.

2 O ser em Aristóteles

2.1 A substância dentre as demais categorias

Existem divisões da filosofia proporcionais ao número de substâncias que se pode investigar e a investigação do ser enquanto ser corresponde a uma de tais divisões, que constitui a filosofia primeira, a metafísica. A resposta à investigação do ser enquanto ser não se utilizará de métodos estranhos a si própria.

A compreensão do ser enquanto ser deve necessariamente iniciar com a ideia de substância, enquanto sua primeira manifestação¹. Para fins desta análise, pressupomos que as noções da substância que integra o tratado das Categorias e a substância sobre a qual Aristóteles discorre na Metafísica estão conectadas, e se complementam.

Aristóteles diz do ser, no Livro V da Metafísica, que o ser é o *ser accidental*² e o *ser por si mesmo*. É ao *ser por*

¹ BROOK, Angus. Substance and the primary sense of being in Aristotle. [S.l.]: **Review of Metaphysics**, v. 68, n. 3, p. 521-544, mar./2015.

² [...] São estes, portanto, os sentidos nos quais se diz que as coisas são acidentalmente: ou porque ambos os predicados se aplicam ao mesmo sujeito, que é, ou porque o predicado se aplica ao sujeito, que é, ou porque o próprio sujeito, ao qual pertence algo do que ele próprio é predicado, é. ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: Edipro, p. 143.

si mesmo para o qual a substância, como as demais categorias, mas especialmente ela, atua enquanto definidora³. Importa dizer que, partindo do pressuposto de que a metafísica busca o conhecimento dos primeiros princípios, e a substância se apresenta como este primeiro princípio, devemos necessariamente iniciar o percurso no conhecimento das primeiras causas da substância⁴. Aliás, o privilégio da substância no conhecimento do ser enquanto ser é destacado pelo próprio Aristóteles, quando da abertura do Livro VII da Metafísica.

À substância corresponde aquilo que não é dito de um sujeito⁵, nem em um sujeito. Também se diz que as substâncias não são predicadas de nenhum sujeito, ainda que tudo o mais delas seja predicado:

Substância significa [a] os corpos simples, do que são exemplo a terra, o fogo, a água e similares; e, em geral, os corpos e as coisas deles compostas, animais e divinas, incluindo as partes destes. Todas essas coisas são chamadas de substâncias porque não são predicadas de nenhum sujeito, embora tudo o mais seja predicado delas. [b] Aquilo que, estando presente em tais coisas, que não são predicadas de um sujeito, é a causa de seu

³ *Ibid.*, p. 143.

⁴ *Ibid.*, p. 106.

⁵ Complementa Étienne Gilson: *¿Pero, qué es ser un sujeto? Es ser aquello en sólo lo cual y por lo cual los accidentes pueden existir. En otros términos, una substancia propiamente dicha es aquello que, poseyendo en sí con qué existir, confiere además la existencia a estas determinaciones complementarias que se llaman accidentes. Por esta razón, toma el nombre de sustancia, porque, por decirlo así, está bajo los accidentes que soporta; y como todo ser empíricamente observable posee accidentes, el término de sustancia emplease comúnmente para designar los seres que se dañen la experiencia, las cosas, las realidades.* GILSON, Étienne. **El ser y la esencia.** Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1965, p. 47.

ser, como, por exemplo, no animal a alma é a causa de seu ser. [...] [c] Todas as partes presentes nas coisas que são definidoras e indicadoras de sua individualidade, e cuja supressão acarreta a supressão do todo, [...] [d] a essência, cuja fórmula é a definição, também é chamada de substância de cada coisa particular. Conclui-se então que substância apresenta [fundamentalmente] dois sentidos: (1) o substrato (sujeito) final, que não é mais predicado de nenhuma outra coisa mais, e (2) tudo o que possui uma existência individual e independente. A aparência ou a forma de cada coisa particular possui esta natureza⁶.

As substâncias primárias constituem a base de todas as outras coisas, e estas demais coisas atuarão como seus predicados ou estarão presentes como seus sujeitos, constituindo substâncias secundárias. Nestas, as substâncias primárias são encontradas como espécies e elas em si apresentam-se como gêneros⁷.

Decorre também que a espécie exemplifica melhor a substância do que o gênero, posto que a espécie está mais próxima da substância primária. À resposta da pergunta “o que é isso”, mais precisa será a resposta quanto ao sujeito se referida a sua espécie⁸. Igualmente, a

⁶ ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: Edipro, p.144.

⁷ ARISTÓTELES. **Órganon**. 2 ed. Tradução de Édson Bini. São Paulo: Edipro, 2016, p. 42-44.

⁸ [Com efeito] é somente pela espécie ou o gênero que se pode definir este ou aquele homem de uma maneira conveniente ou apropriada. E tornamos nossa definição mais precisa indicando a espécie ou “homem”, do que indicando o gênero ou “animal”. Qualquer outra coisa mais que pudéssemos indicar – digamos “ele corre” ou “é branco” seria estranha ao propósito em

substância primária, que não pode ser predicado de nenhuma outra coisa, ou predicado de qualquer proposição, enquanto à substância secundária não apenas pode ser predicada, como também admite tenha por predicado uma diferença⁹.

A substância primária, entretanto, pressupõe unidade, o que não se verifica para com a substância secundária. É na multiplicidade que espécies e gêneros afloram:

A substância secundária não é uma e singular como e é, sem dúvida, a primária; não é do uno, com efeito, mas do múltiplo, que predicamos realmente “animal”, “homem”. A espécie e o gênero, contudo, não se limitam a indicar qualidade [...] a espécie e o gênero determinam uma qualidade com referência à substância. Informam qual o tipo de substância¹⁰.

Do mesmo modo, as substâncias não admitem contrários, e também não o admitem a espécie e o gênero, o que é uma peculiaridade também de outras categorias, como a quantidade. Tampouco possuem as substâncias gradação em si mesmas¹¹. Enfim, entre todas

pauta. Assim, só espécies e gêneros são acertadamente designados como substância, exceto exclusivamente pelas substâncias primárias. (*Ibid.* p. 43-44).

⁹ *Ibid.*, p. 46.

¹⁰ *Ibid.*, p. 47.

¹¹ As substâncias jamais têm contrários. Como poderiam as substâncias primárias tê-los... este homem, por exemplo, aquele animal? Nada lhes é contrário. E a espécie e o gênero não têm contrários. Esta característica particular não pertence apenas à substância, pois diz respeito a muitas outras [categorias], entre as quais, por exemplo, a quantidade. [...] Nenhuma substância, pelo que parece, apresenta graus ou admite um mais e um menos. Não quero dizer aqui que uma substância é menor verdadeiramente chamada de substância do que outras. (*Ibid.*, p. 47).

as categorias, a substância possui a peculiaridade de, ainda que una e a mesma em si, admite que se lhe atribuam qualificações contrárias, o que opera através de mudança em si mesma, em estado, como algo que, uma vez frio, se torna quente¹².

O papel da substância no conhecimento do ser é aquele de viabilizar, através de sujeitos determinados, o conhecimento dos universais, porque todo o conhecimento é o conhecimento dos universais. A substância viabiliza a inteligibilidade da realidade¹³.

De forma que, ainda que existam vários sentidos de ser, posto que o *ser em si mesmo* é descoberto nas categorias/predicamentos, a inteligibilidade da realidade é alcançada através das substâncias, enquanto identidades determinadas ou sujeitos da experiência e pensamento.

2.2 O ser

Se a metafísica é a ciência do ser enquanto ser, a ela cabe a análise de todas as espécies de ser, em seus primeiros princípios. Brook define os primeiros princípios como razões universais que permitem a determinação (inteligibilidade) das coisas. Às causas, por sua vez, correspondem a explanatória e determinada “razão pela qual”, as coisas são. O ser, portanto, corresponde ao senso mais geral do primeiro princípio da realidade como algo inteligível¹⁴.

¹² Assim, a título de conclusão, é-nos permitido classificar o que foi indicado anteriormente como distintivo da substância, a saber, que a despeito de persistir uma e a mesma, é possível para ela - através de uma mudança em si mesma - receber qualificações contrárias. (*Ibid.*, p. 48-49).

¹³ BROOK, Angus. Substance and the primary sense of being in Aristotle. [S.l]: **Review of Metaphysics**, v. 68, n. 3, mar./2015, p. 524-525.

¹⁴ *The first principles and causes sought and known by the wise person are*
Ágora Filosófica, Recife, v. 20, n. 3, p. 149-178, set./dez., 2020 • 155

Os sentidos do ser são conhecidos através das categorias/predicamentos que recebe, ou seja, há tantos sentidos do ser para o número de categorias. Ainda assim, o que dá existência ao ser encontrado nas demais categorias é a sua vinculação ao aspecto da individualidade, que é exposto pela substância¹⁵. O ser e a unidade são idênticos, posto que a substância de cada coisa é singular e é algo que é. Isso decorre do fato de que toda substância, em si, é singular, de forma que a unidade não se distingue do ser, e estão associados como princípio e causa. Ademais, o ser é algo que é, logo, o ser é verdadeiro, não sendo possível algo ser e não ser ao mesmo tempo¹⁶. Logo, a resposta à pergunta “o que é o

ultimate and unifying “reasons why” of the intelligibility of reality. In this case, I understand first principles to be conceptual or universal reasons why that enable the determination of things (intelligibility) but which remain indeterminate. A cause, on the other hand is a determinate and explanatory reason why of things. The concept of being signifies, in the most general sense, the first principle of reality qua intelligible. Thus the meaning of being as first principle must in some sense remain universal and conceptual (and indeterminate). BROOK, Angus. Substance and the primary sense of being in Aristotle. [S.l.]: **Review of Metaphysics**, v. 68, n. 3, mar./2015, p. 523-524.

¹⁵ Fica claro, portanto, que é em função da substância que cada uma dessas categorias existe. Por conseguinte, a substância é necessariamente aquilo que é primariamente, não num sentido qualificado, mas simples e absolutamente. Embora primário tenha vários sentidos, a substância é primária em todos eles, tanto na definição e conhecimento quanto no tempo; com efeito, nenhuma das demais categorias pode existir independentemente, exceto exclusivamente a substância. E também é primária na definição, porque a fórmula da substância tem que estar presente na fórmula de cada coisa. E pensamos conhecer cada coisa o mais plenamente quando sabemos o que ela é, por exemplo o que o homem é ou do que o fogo é, do que quando conhecemos sua qualidade, quantidade ou posição; mesmo porque conhecemos cada um destes aspectos também somente quando sabemos o que é a quantidade ou a qualidade. ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: Edipro, p. 181-182.

¹⁶ ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: Edipro, p. 143.

ser” reside especialmente na pergunta “o que é a substância”. A substância é, portanto, o “este”, o sujeito, e o “o quê”, a essência¹⁷.

Vemos, portanto, que o ser aristotélico se diferencia do ser em Parmênides, para quem o ser, essencialmente, não admite a modificação, posto que, ao modificar-se o ser, estaríamos diante do não ser. O ser não concebe divisões, e tampouco concebe história¹⁸. O mesmo se pode dizer do ser em Platão, para quem o ser é a identidade da coisa consigo mesma, a qual tampouco admite a modificação¹⁹:

A exceção, em Platão, reside no gênero divino, para o qual sua identidade é aquela mais simples e

¹⁷ BROOK, Angus. Substance and the primary sense of being in Aristotle. [S.l]: **Review of Metaphysics**, v. 68, n. 3, mar./2015, p. 526.

Acerca da essência, o Livro VII da Metafísica assim dispõe: A essência de cada coisa é aquilo que se diz ser em virtude de si mesma. Com efeito, ser tu não é ser instruído, pois não és instruído em função de ti próprio. Tua essência é, portanto, aquilo que se diz que és em virtude de ti próprio. [...] Consequentemente, a essência de cada coisa é aquilo que define a palavra mas não a contém. ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. de Edson Bini. 2 ed. São Paulo: Edipro, p. 185.

¹⁸ O ser está dotado de todos os atributos relacionados com a noção de identidade. Em primeiro lugar, é da essência do ser que tudo o que participa de sua natureza seja, e que tudo o que dela não participa não seja. Mas se tudo o que é ser, é, e ao contrário, o ser é por sua vez único e universal, pela mesma razão, o ser não pode ter causa. Para causar o ser, primeiro, seria necessário que essa causa fosse algo, o que significa que, sendo o ser sua única causa concebível, o ser não tem causa. E assim, tampouco tem princípio. Ademais, o ser não poderia perecer. [...] Não passível de ser gerado e indestrutível, o ser é eterno. Não se pode dizer dele que tenha existido no passado, nem que deva existir no futuro, apenas que é. Estabelecido assim em um perpétuo presente, o ser não tem história, por ser essencialmente estranho à mudança. Tradução livre. GILSON, Étienne. **El ser y la esencia**. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1965. p. 24.

¹⁹ GILSON, Étienne. **El ser y la esencia**. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1965, p. 26.

eterna²⁰. Ao compreender as Ideias ou Formas de Platão como parte das realidades derivadas, ou seja, àqueles predicados derivados de um sujeito, afasta-as Aristóteles da substância e, logo, do ser. O ser, é, portanto, o “ato mesmo em virtude do qual cada substância é o que é, e subsiste separadamente como uma realidade que se basta”²¹. Daí porque as Ideias não admitem ou podem causar a mudança, porque não podem alterar aquilo que as causa, já que o ser é ser em ato²².

Aqui reside, portanto, uma das principais divergências para com Platão, que diz respeito às coisas existentes. Se as Ideias não podem ser causa de mudança para os seres sensíveis – eternos ou corruptíveis – posto que não correspondem a qualquer movimento, tampouco podem ser a causa dos mesmos, ou seja, os demais objetos não podem se originar das Ideias. Logo, as Ideias não seriam nem seres nem atos, mas apenas modelos de coisas reais, reduzindo a realidade apenas àquilo aprioristicamente inteligível, e não elementos que, num primeiro momento, não parecem cognoscíveis²³.

Retomando a argumentação aristotélica, o ser é aquilo que é. Étienne Gilson expõe que duas são as possibilidades de interpretação: i) o ser corresponde à realidade; ii) o ser corresponde à essência. É certo que a matéria pode integrar a substância, mas por si só não corresponde a ela, porque ela não é sem a substância de que faz parte, e a substância subsiste por si mesma. Parte relevante do ser, entretanto, reside em sua forma:

²⁰ *Ibid.*, p. 26-27.

²¹ *Ibid.*, p. 48.

²² *Ibid.*, 48-50.

²³ *Ibid.*, 49-50.

Pues bien, estas mismas determinaciones le vienen de la forma que hace de ella una individualidad distinta de todas las demás, pero no obstante clasificable en una especie y en géneros determinados. Es preciso volverse, pues, hacia la forma si se quiere descubrir el principio último en virtud del cual una sustancia es verdaderamente tal. Que es lo que el lenguaje confirma. Si se pregunta “qué es esta cosa”, responderáse por la definición de su esencia, es decir de su forma. [...] y por eso la esencia o forma de cada ser es la última raíz de su sustancialidad²⁴.

A essência é “como conhecemos as coisas”, é o que permite a individualidade, e assim viabiliza o ato de conhecer: “A essência está nas coisas, e as coisas são cognoscíveis; porque a essência é universal, a ciência é possível”²⁵. O processo de alcançar o que as coisas realmente são, portanto, não está restrito aos elementos sensíveis, mas ao processo argumentativo. Certo é que a compreensão “do que é” inicia nos sentidos, mas a eles não está confinado. Daí o porquê ser é aquilo sobre qual

²⁴ Pois bem, estas mesmas determinações lhe vêm da forma que faz dela uma individualidade distinta de todas as demais, mas, inobstante classificável em uma espécie e em gênero determinados. É preciso retornar, pois, à forma se se quer descobrir o princípio último em virtude do qual uma substância é verdadeiramente tal. Que é o que a linguagem confirma. Se se pergunta “o que é esta coisa”, se responderá pela definição de sua essência, ou seja, de sua forma. [...] e é por isso que a essência ou a forma de cada ser é a última raíz da sua sustancialidade. GILSON, Étienne. **El ser y la esencia**. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1965, p. 52-53.

²⁵ Tradução livre do original: [...] *Because essence is in things, things are knowable; because essence is universal, science is possible*. NOVAK, Michael. A Key to Aristotle's 'Substance'. [S.l.]: **Philosophy and Phenomenological Research**, v.24, n. 1, set./1963, p. 4.

se afirma que é, após a análise do que percebemos, sensorialmente, e submetemos ao intelecto:

In the fourth (and in my theory the most important) of Aristotle's senses of being, to be is not to appear; i.e., that to be is not limited to sense-data, and that even sensible things are said to be not inasmuch as they confront the senses but inasmuch as they can be truthfully affirmed in judgment. The real is not 'the already out there now'; the real is what is affirmed at the end of an intelligent process moving from data through insight to affirmation. If enough evidence can be accumulated so that immaterial things can be affirmed as existing, there are immaterial substances, whether seen, touched, heard or not²⁶.

A relevância da essência, portanto, reside na mediação entre o ser e o conhecimento, posto que é através da essência que algo é em si, individualmente, e algo é passível de ser conhecido. Ou seja, o que se permite realizar é, através da visão do particular, contemplar o universal, posto que o ato de conhecer particular e universal é o mesmo²⁷.

²⁶ No quarto (e para a minha teoria o mais importante) dos sentidos de ser em Aristóteles, ser não é aparecer; i.e. ser não está limitado a dados sensíveis, e diz-se que mesmo coisas sensíveis são não apenas porque confrontam os sentidos, mas porque podem ser verdadeiramente afirmadas através dos julgamentos. O real não é o que 'já está lá fora agora', o real é o que é afirmado ao final de um processo inteligente que se move, partindo dos dados, passando pela percepção até a afirmação. Se evidências suficientes podem ser acumuladas de modo que se possa afirmar a existência de coisas imateriais, então substâncias imateriais existem, não importando se foram vistas, tocadas ou ouvidas. Tradução livre. (*Ibid.*, p. 6).

²⁷ *Ibid.*, p. 7-9.

Estabelecidas as premissas que norteiam o conhecimento do ser em Aristóteles, bem como a relação da essência com particular e universal, cumpre tecer considerações acerca do ser em Hegel, para que se possa expor possíveis pontos de convergência.

3 O ser em Hegel

3.1 Ser puro (Sein)

Hegel inicia seu percurso na Ciência da Lógica, nos passos de Aristóteles, pelo ser. A escolha se deve à sua “simplicidade”, e à necessidade de partindo dele, sigam-se as demais categorias, através do movimento dialético:

[...] Hegel começa com “ser”, a categoria da “simples imediatidade” (*WL*, vol. I, p. 54), porque ela parece a mais vazia e a mais pobre; E, por essa razão, ela é também a que se encontra mais distante do termo para o qual está se dirigindo, a saber, a noção do espírito; por conseguinte, ele passará por todas as demais categorias no trajeto²⁸.

Em Hegel, o movimento dialético não se resume a método, mas necessidade integral de seu sistema filosófico, se pretende-se conhecer algo em si mesmo. É verdadeiro conteúdo pensado, desenvolvido enquanto tese, antítese e síntese, partindo do ser puro – o mais indeterminado – até a Ideia absoluta – concreta²⁹. Decorre

²⁸ TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 255.

²⁹ NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. A Ciência da Lógica no sistema hegeliano. [S.l]: **Kínesis**, v. 2, n. 3, abr.2010. p. 144-145.

deste movimento que ser e pensar compartilham de uma mesma lógica³⁰.

Empreender uma dialética do ser, portanto, importa reconhecer que a descrição da realidade realizada pelos conceitos categoriais implica numa inadequação – incoerência que conduz à contradição. A realidade entra em conflito com propriedades necessárias para que o seu próprio conceito seja realizável. Isso decorre a compreensão de a contradição também faz parte da natureza das categorias, conduzindo ao movimento. Parte-se do conceito mais “simples”, o ser, que sendo submetido ao movimento dialético nos conduz através das categorias até a Ideia – a categoria adequada e final, que incorpora, em síntese, as categorias anteriores³¹.

O ser puro constitui momento inicial, através do qual o percurso que conduz a Ideia inicia. O puro ser é vazio, porque nada é, além de si mesmo. É o mais indeterminado, e “nada simplesmente é sem ter alguma qualidade determinada”³².

Hegel se afasta de Platão, posto que a Ideia neste se apresenta como concreta e determinada, enquanto em Aristóteles, se a Ideia se determina podemos perceber as transições entre seus momentos na sua atividade. Para Hegel o defeito do universal é, portanto, o mesmo do ser em si mesmo – a falta de atividade – porque no ser em si mesmo a sua atualização, entendida como determinação, ainda não está posta. A razão e as leis são também, nesse

³⁰ *Ibid.*, p. 149.

³¹ TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 255-259.

³² TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 261 e HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber et al. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 85

sentido, abstratas – ponto que será apreciado detidamente na primeira parte da Filosofia do Direito³³.

A oposição entre o ser o nada é explicável igualmente porque se deseja expor a carência de determinações. O ser e o não ser são o mesmo, posto que no ser está contida a determinação do não ser. Do mesmo modo resulta a oposição o nada ao algo, posto que o algo já é determinado. Da contraposição entre o ser e o nada não resulta uma aniquilação, mas uma determinação ainda não posta, a qual se denomina devir³⁴.

O devir é a unidade - momento em que ser e nada são inseparáveis e diversos deles mesmos. Como o ser e o nada não subsistem, é necessário um terceiro movimento, no qual ambos subsistem. Trata-se de um movimento reflexivo:

O devir está, desse modo, numa determinação dupla; em uma, o nada é como imediato, isto é, ela inicia do nada, que esse relaciona com o ser, isto é, passa para o mesmo; na outra, o ser é como imediato, isto é, ela inicia do ser, que passa para o nada – nascer e perecer. Ambos são o mesmo, devir, e também, enquanto direções assim diferentes, eles se penetram e se paralisam reciprocamente. Uma direção é o perecer; ser passada para nada, mas nada é, igualmente, o oposto de si mesmo, passar para o ser, nascer. Esse nascer á a outra direção: nada passa para o ser, mas ser, igualmente, suprassume-se a si mesmo e é, antes, o passar para nada, é perecer. - Eles não se

³³ HEGEL, G. W. F. The Philosophy of Aristotle. [S.l]: **The Journal of Speculative Philosophy**, v. 5, n. 2, abr./1871, p. 182.

³⁴ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber et al. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 89-93.

suprassumem reciprocamente, um não suprassume exteriormente o outro, mas cada um se suprassume em si mesmo e é nele mesmo o oposto de si³⁵.

O “suprassumir” é fundamental para a dialética hegeliana, e constitui a determinação que se impõe, superando e preservando os movimentos anteriores: “O que se suprassume, não se torna, por isso, nada. Nada é o imediato; um suprassumido, ao contrário, é um mediado [...]”³⁶. Daí porque o devir, que é a unidade do ser e do nada mediada, é algo que é, o qual é o ser determinado (*Dasein*).

3.2 Ser determinado, ser aí (*Dasein*):

O ser determinado deriva, portanto, da mediação do ser e do nada. Recebe a qualidade de ser o que é:

Ser aí é ser determinado; sua determinidade é determinidade que é, qualidade. Por meio de sua qualidade, algo é, frente a um outro, é alterável e finito, não somente frente a um outro, mas determinado pura e simplesmente de modo negativo nele³⁷.

O ser aí, por possuir determinações, se concretiza em si próprio. A determinação é encontrada nele mesmo,

³⁵ *Ibid.*, p. 110.

³⁶ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 111.

E complementa: Suprassumir tem na língua [alemã] o sentido duplo pelo qual significa tanto guardar, conservar, quanto, ao mesmo tempo, cessar, pôr fim. O guardar mesmo já encerra em si o negativo, que algo é subtraído a sua imediatidade e, com isso, a um ser aí aberto às influências externas, a fim de conservá-lo.

³⁷ *Ibid.*, p. 113.

e corresponde ao não ser, porque determinar-se também é negar, é impor diferença. Taylor explicita esse movimento do ser determinado como o “casamento da realidade com a negação”. Seguindo a máxima spinoziana de que toda determinação requer negação, os conceitos que possuímos precisam ser contrastados com outros, posto que possuir determinadas qualidades implica necessariamente não possuir outras³⁸.

A diferença que se impõe é suprassumida pelo ser determinado. Não restam mais o ser puro e o nada, como também não resta o ser determinado inicial. O ser determinado passa ao ser dentro de si – o algo. Trata-se da “negação da negação” que é aquela do ser aí para consigo mesmo:

Algo é algo que é como a negação da negação; pois esta é o restabelecer da relação simples consigo; - mas, com isso, algo é igualmente a mediação de si consigo mesmo. Já no simples do algo, então, ainda mais determinadamente no ser para si, no sujeito etc., está presente a mediação de si consigo mesmo, [...]³⁹.

O ser determinado não apenas enfrenta a negação consigo mesmo, como também enfrenta a negação de advém das relações causais. O algo se relaciona com os demais, assim como todas as demais coisas estão nessa relação. Dizer alguma coisa sobre o algo é também dizer sobre as relações que algo estabelece:

³⁸ TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 262-263.

³⁹ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber et al. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 120.

Partindo desse ponto, podemos ver outro sentido no qual a qualidade do ser determinado implica uma negação de outros seres. Ele não só é definido contrastivamente, mas também é definido em parte pelo tipo de interações causais com outros em que os seres desse tipo incorrem, entre as quais sempre estão em jogo a preservação, alteração ou destruição da coisa concernida. Por isso, com uma pitada de licença poética, podemos dizer que a sua qualidade define o modo como uma coisa preserva a si própria, ou no final das contas, sucumbe em seu entorno, o modo como ela “nega” as potências “negações”⁴⁰.

A finitude é encontrada no algo e sua exposição ao outro, porque, a princípio, ambos seriam iguais, contudo, o ser outro também é ser algo. Essa determinação em relação ao outro é que conduz ao finito⁴¹. Daí porque Hegel expõe que algo é ser imediato que se relaciona consigo mesmo, cujo limite é o outro, e esse outro, também sendo, constitui limite. E algo “posto como seu limite imanente como a contradição de si mesmo, através da qual ele é apontado e impulsionado para além de si, é o finito”⁴². Como o ponto, que é espacial, e compõe a linha, e da linha para a superfície, o algo possui limitação e sua limitação é uma qualidade, porque é sempre posto para fora de si mesmo, assim são as coisas finitas. Hegel denomina essa determinação interna de perecer de

⁴⁰ TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 264.

⁴¹ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber et al. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 121-123.

⁴² *Ibid.*, p. 131-133.

barreira, e o ato de sempre ir além de si mesmo como dever ser.

3.3 Ser absoluto – ser infinito

A infinitude está posta como negação do finito, por primeiro princípio, a qual segue-se pela determinação para com o finito, a qual resulta no infinito real:

O infinito é, a) na determinação simples, o afirmativo como negação do finito; b) mas ele é, com isso, na determinação recíproca com o finito e é o infinito abstrato, unilateral; c) o suprasumir-se desse infinito, assim como do finito enquanto um processo – é o infinito verdadeiro⁴³.

Três momentos distintos decorrem desta afirmação. O primeiro, implica reconhecer que o infinito é a negação do finito, e nada possui de si, estando ainda sujeito à mediação. O segundo momento redundando na unidade do finito e do infinito, prevalecendo o infinito que contém em seu interior também a finitude superada e guardada. O ser para si, absoluto, portanto, é aquele que, ultrapassados os momentos de mediação é uno⁴⁴. Ao ser em si que é uno, do mesmo modo que o ser aí enfrenta a mediação relacional, repete este movimento para com múltiplos unos:

No seu ser para si, o uno é também *para uno*, mas esse uno, para o qual ele é, é ele mesmo; seu diferenciar de si está suprasumido imediatamente. Mas, na pluralidade, o uno diferenciado tem um ser; o ser para uno,

⁴³ *Ibid.*, p. 142.

⁴⁴ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 143-170.

como ele está determinado no excluir, é, portanto, um ser para outro. Cada um, assim, é repellido por um outro, supressumido e tornado um que não é para si, mas *para uno*, e, com efeito, para um outro uno. O ser para si dos múltiplos unos se mostra, de acordo com isso, com a autoconservação deles pela mediação da repulsão recíproca deles [...] ⁴⁵.

O terceiro momento é o infinito verdadeiro. Importa referir que, para Hegel, não há de se reconhecer que o infinito deva prevalecer sobre o finito. Nesse sentido, Davis expõe que o verdadeiro sentido da infinitude é o de expressar-se através das coisas finitas, posto que “nenhuma coisa é infinita que não possa ser chamada de finita quando removida da sua relação em si mesma”⁴⁶, ou seja, a finitude será revelada no seu movimento de determinação – negação, superação e preservação. Logo o ser infinito representa uma relação para consigo mesmo, ou seja, ser infinito é superar a limitação em termos de si próprio⁴⁷. Em sentido contrário, a finitude é relacional, no sentido de que é limitada por elementos externos. Aqui reside a importância fundamental do idealismo, o qual, segundo Hegel, atesta a adequação e profundidade do pensamento filosófico:

Por ideal se entende, sobretudo, a forma da representação e, o que é na minha representação em geral ou no conceito, na ideia, na imaginação etc., é denominado ideal, de modo que o ideal em geral vale também para os produtos da imaginação

⁴⁵ *Ibid.*, p. 177.

⁴⁶ DAVIS, Andrew. Hegel’s Idealism: the infinite as self relation. Illinois: **History of Philosophy Quarterly**, v. 29, n. 2, abr./2012, p. 181.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 183.

[*Einbildungen*], - representações que devem não apenas ser diferenciadas do real, mas essencialmente não devem ser reais⁴⁸.

Daí porque Hegel dirá que o idealismo, em Kant, por exemplo, permanecerá no dualismo entre ser aí e ser para si, finito e infinito, real e representação, o que não está adequado⁴⁹. Ser algo real é uma atividade de determinação, e a infinitude é determinação em si. Logo, ser em Hegel, é necessariamente uma atividade de movimento e atualização, o que não se afasta, portanto, do ser em Aristóteles, como se expõe na sequência.

4 A metafísica enquanto “filosofia primeira” em Hegel e Aristóteles

A metafísica pretende o conhecimento da realidade em seus aspectos mais fundamentais. Isso quer dizer que pretende responder, dentre outras questões, àquelas pertinentes aos i) tipos de coisas que existem; ii) a sua natureza.

A metafísica aristotélica pretende-se enquanto a ciência que investiga o ser como ser e as suas propriedades. Diferente das demais ciências, ocupa-se dos “princípios primeiros” e das “causas supremas”. Na busca pelos primeiros princípios, portanto, não poderemos nos valer das informações externas, mas daquelas que pertencem ao ser por sua própria natureza, e não acidentalmente⁵⁰. Isso decorre da necessidade de que,

⁴⁸ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 161.

⁴⁹ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 169.

⁵⁰ ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2 ed. São Paulo: Edipro, 2012, p. 105.

para cada substância existente deve seguir uma ciência própria, existindo tantas divisões da filosofia para o número de substâncias⁵¹.

Para Hegel, a ciência da lógica, assim entendida como a das formas e estruturas do pensamento é que constitui a filosofia especulativa pura, a sua metafísica, portanto. A Filosofia não pode emprestar seu método de outras ciências, mas deve descobri-los através dos desenvolvimentos espontâneos de seu próprio conteúdo, que se desenvolve em método científico do conhecimento, que se expõe e se determina⁵². Daí a origem do método dialético, que permeia todo o sistema filosófico que é construído por Hegel. Há concordância, entre os filósofos, portanto, de que o conhecimento da filosofia primeira, esboçado pela compreensão do ser, não pode valer-se de elementos externos a si própria, bem como de que o conhecimento das coisas que existem deve necessariamente partir do mais imediato, do mais “simples”.

A ciência da lógica, porque pretende expor sua atividade própria, não pode prescindir das formas de pensamento conhecidas, e que estão, essencialmente, presentes na linguagem humana, que se apropria das imagens ou concepções. A linguagem se torna, portanto,

⁵¹ *Ibid.*, p. 106-107. Leia-se também: Fica claro, portanto, que a investigação das coisas que são, enquanto são, também diz respeito a uma ciência. Ora, em todos os casos o conhecimento sobretudo tange àquilo que é primário, isto é, aquilo de que todas as outras coisas dependem e do que extraem seus nomes. Se, então, substância é essa coisa primária, é das substâncias que o filósofo deve aprender os primeiros princípios e causas. [...] Daí a investigação de todas as espécies de *ser* como *ser* diz respeito a uma ciência que é genericamente singular, e investigação das diversas espécies de ser diz respeito às partes específicas dessa ciência.

⁵² HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Trad. de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 27-28.

também o elemento sobrenatural a servir de elo entre o homem e o mundo natural⁵³.

Hegel se utiliza de uma série de construções aristotélicas para que possa investigar o conceito do *sein*. Primeiro, importa dizer que Hegel, ao acompanhar o raciocínio aristotélico, estabelece que a atividade do puro pensamento pressupõe a satisfação das necessidades materiais, entendidas assim como a aquisição de experiência pelo indivíduo⁵⁴. Enquanto o pensamento filosófico relaciona-se com objetos concretos, a lógica preocupa-se com o pensamento pelo pensamento, em abstração completa. Essa abstração, entretanto, precisa das evidências conferidas pelo mundo sensível, se pretende-se atingir uma finalidade. Esse deslumbramento com o mundo, contudo, que aos gregos era tão peculiar, falta na modernidade, historicamente posterior⁵⁵.

Hegel, ao prefaciando a primeira edição da *Ciência da Lógica*, ressalta a perda pela filosofia alemã de seu tempo do conhecimento da metafísica. A primeira crítica é

⁵³ A linguagem se inseriu em tudo que se torna para ele [o ser humano] em geral um interior, uma representação, em tudo aquilo de que ele se apropria, e o que ele torna linguagem e exprime nela contém de modo mais encoberto, mais misturado ou mais elaborado uma categoria;[...] Mas se se contrapõe a natureza em geral, como o físico, ao espiritual, seria preciso dizer que o lógico é, pelo contrário, o sobrenatural, que se insere em todo o comportamento natural do ser humano, no seu sentir, intuir, desejar, na sua necessidade, no seu impulso e, por meio disso, em geral torna-o algo humano, ainda que apenas de modo formal, tornando-o representações e finalidades.

HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber et al. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 31-32.

⁵⁴ Poderíamos considerar o fato de que a prudência, enquanto virtude, não é normalmente um privilégio dos jovens, mas sim dos anciões, que em razão da vivência adquirem esse conhecimento, como é exposto na *Ética a Nicômaco*.

⁵⁵ FERRARIN, Alfredo. **Hegel and Aristotle**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 111.

destinada a Kant e o entendimento de que a experiência sensível limita possibilidade de conhecimento, colocando em xeque, erroneamente na sua visão, a possibilidade do pensamento especulativo e a sua necessidade⁵⁶. Para Taylor, trata-se de uma crítica realizada ao dualismo estabelecido entre as categorias – universais aplicáveis a conteúdos diversos – e os conteúdos sensíveis, aos quais as categorias são aplicáveis⁵⁷.

Hegel aproxima-se, portanto, de Aristóteles no tocante às possibilidades do ser e do seu conhecimento. A proposta da Ciência da Lógica é fornecer um novo arcabouço para um conhecimento negligenciado pela contemporaneidade⁵⁸, considerando o fato de que, para o filósofo, “a ciência da lógica [...] constitui a própria metafísica ou a filosofia especulativa pura”⁵⁹. A lógica hegeliana aproxima-se de uma ontologia, porque “dizer que certas estruturas conceituais devem se aplicar ao mundo seguramente é dizer algo sobre a natureza das coisas”⁶⁰, e o descobrir coisas acerca da lógica transcendental das categorias é descobrir sobre a realidade⁶¹. Hegel se apropria das categorias aristotélicas, entendidas enquanto formas de compreensão da realidade, as quais, partindo da substância em seu sentido

⁵⁶ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 25-26.

⁵⁷ TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 253.

⁵⁸ Historicamente, período posterior à Revolução Francesa.

⁵⁹ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Trad. de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 27.

⁶⁰ TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 255.

⁶¹ *Idem.*, p. 255.

individual – o ser – são encadeadas, sendo uma lógica própria, como expõe Rosenfield:

[...] Hegel não estaria somente fazendo um *Organon* no sentido aristotélico, mas um *Organon* diretamente acoplado a uma filosofia primeira, voltada para a indagação do ser, do começo do saber, e de como atribuir a existência a algo pensado⁶².

Também há de ser reconhecido que a linguagem é elemento fundamental, posto que tudo o que o ser humano conhece ou busca conhecer é interiorizado e apropriado. Essa atribuição de sentido na via da linguagem necessariamente implica a separação em categorias. Daí a grande relevância que possui uma linguagem que permite variadas formas de expressão e construção, pois diversas são as categorias⁶³:

A linguagem se inseriu em tudo aquilo que se torna para ele [o ser humano] em geral um interior, uma representação, em tudo aquilo de que ele se apropria [...] tão natural lhe é o lógico, ou precisamente: o mesmo é sua própria natureza peculiar. Mas se se contrapõe à natureza em geral, como o físico, ao espiritual, seria preciso dizer que o lógico é, pelo contrário, o sobrenatural, que se insere em todo o comportamento natural do ser humano, no seu sentir, intuir, desejar, na sua necessidade, no seu impulso e, por meio disso, em geral, torna-o algo humano [...]⁶⁴.

⁶² ROSENFELD, Denis Lerrer. A Ciência da Lógica de Hegel como Filosofia primeira. Pernambuco: **Ágora Filosófica**, ano n 13, n. 1, jan./jun. 2013, p. 204.

⁶³ HEGEL, G.W. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016, p. 31-32.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 32.

Para a Ciência da Lógica hegeliana, o seu objeto de estudo e o seu método não são separados. A própria Noção da lógica deve ser encontrada nela própria, logo não há de ser encontradas premissas anteriores à lógica, posto que seu objeto – que é o pensamento pelo puro pensamento – se desenvolve no curso da exposição. Não é correto, entretanto, dizer que a lógica se abstrai do conteúdo pensado, posto que, se a lógica se ocupa precipuamente das regras atinentes ao ato de pensar, também possui como constituinte sua a matéria, sobre cuja natureza também se preocupa. O mundo das coisas corporifica a lógica que é expressa nas categorias, ou seja, o estudo das suas relações fornece evidências acerca da realidade. É nesse sentido que Hegel inicia a ciência da lógica com a doutrina do ser⁶⁵, tal qual Aristóteles, ao abrir o Livro IV da Metafísica.

Outro ponto interessante que deve ser observado é a unidade do ser apontada por Aristóteles. A substância é o elemento primário pelo qual respondemos à pergunta “o que é”, e sendo aquilo que é algo uno, não admite contradição em si mesma. Em Hegel, o ser é relacional, o que é destacado por Wohlfart, porque o ser compreende a sua negação e contradição, não apenas em si, mas para com o outro: “[...] não são as qualidades fixas de algo que vão determina-lo, mas a sua relação com o outro na contradição de si mesmo”⁶⁶. Entretanto, não se trata da

⁶⁵ TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 254-255.

⁶⁶ WOHLFART, João Alberto. A lógica do ser de Hegel. **Veritas**, Porto Alegre, v. 62, n. 2, p. 467-475, mai./ago. 2017. Resenha da obra de HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 1. A doutrina do ser*. Trad. de Christian Iber *et al.* Petrópolis: Vozes, 2016.

contradição pela contradição, em sentido literal, mas do movimento de suprassunção (*Aufhebung*), na qual o que é negado, determinado, não se perde, mas é mantido parte integrante da totalidade, ao que poderia ser questionado de que o ser, mediado e preservado, permanece uno:

Like Plato's, Aristotle's Idea also has "the Good, the end, as the substantial foundation (VGPh 153, HP 139); but in contrast to Plato's, it makes the end effective. [...] Thereby, unlike Parmenides and Heraclitus, who had respectively held fast to the abstractions of being and becoming, it includes not only being, but also nonbeing in the unity of determinacy. "What is substance", is activity, but the change is internal to a universal, to a unity which remains identical with itself; it is a "determining" which is a self-determining"⁶⁷.

Hegel aprecia o ser enquanto ser ao tratar da qualidade, que em sentido aristotélico relaciona-se com a qualidade das substâncias, no sentido do que as diferencia⁶⁸. Daí porque Hegel, assim como Aristóteles, preocupa-se com inteligibilidade, que é expressa pela noção de filosofia primeira como "puro pensamento", que Ferrarin identifica como o pensamento objetivo, no sentido de que a lógica não é o pensar sobre alguma coisa, que implica reconhecer o movimento da razão no mundo, na ausência de separação entre o pensamento e a coisa pensada⁶⁹.

⁶⁷ FERRARIN, Alfredo. **Hegel and Aristotle**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 106-107.

⁶⁸ Vide o Livro V da Metafísica.

⁶⁹ FERRARIN, Alfredo. **Hegel and Aristotle**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 130-131.

A principal convergência, portanto, reside na apreciação do movimento, na capacidade de atualização, que Aristóteles propõe como potência, e que norteia todo o movimento dialético hegeliano. “É a conformidade da substância ao conceito, à sua *energeia*, que é a verdade decisiva do seu ser”⁷⁰.

5 Considerações finais

O presente artigo buscou expor de modo sintético alguns dos aspectos mais notáveis da doutrina do ser em Aristóteles e Hegel. O objetivo foi traçar alguns paralelos entre as ideias de ambos os pensadores. Necessariamente, impõe-se ressaltar que Hegel foi ávido leitor da filosofia clássica grega, de forma que, como sói ocorrer, posto que temporalmente posterior, se apropria de elementos aristotélicos importantes, como a divisão em categorias. Entretanto, cremos que, no tocante ao ser, há aspectos interessantes a serem explorados.

Primeiramente, há consenso no sentido que conhecer as coisas e o que elas são requer, primeiramente, a investigação dos aspectos fundamentais da realidade – que será expressa em categorias, a começar pelo ser, a mais “simples”. Também entendemos que existe convergência no tocante ao movimento, atividade de determinação, que permeia a noção do ser, e que Hegel emprega vastamente, porque da essência do movimento dialético, a qual cremos pode ser encontrada também na ideia de potência, em Aristóteles. Outro ponto relevante, é a noção da unidade do ser, a ausência de contradição, que em Hegel é aparentemente superada

⁷⁰ *Ibid.*, p. 132.

pelo movimento dialético, porque negar-se é determinar-se e preservar-se, não se aniquilar.

Tratam-se de elementos iniciais, a indicar que o ser, e a Metafísica aristotélica entendida como “conhecimento do ser enquanto ser”, constitui uma chave de leitura importante para o pensamento hegeliano. A pesquisa realizada não é exaustiva, e nem pode ser, mas deseja demonstrar que há espaço para uma apreciação conjunta dos autores trabalhados.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2 ed. São Paulo: Edipro, 2012.

ARISTÓTELES. **Órganon**. 2 ed. Tradução de Édson Bini. São Paulo: Edipro, 2016.

BROOK, Angus. Substance and the primary sense of being in Aristotle. [S.l]: **Review of Metaphysics**, v. 68, n. 3, p. 521-544, mar./2015.

DAVIS, Andrew. Hegel's Idealism: the infinite as self relation. Illinois: **History of Philosophy Quarterly**, v. 29, n. 2, p. 177-194, abr.2012.

FERRARIN, Alfredo. **Hegel and Aristotle**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GILSON, Étienne. **El ser y la esencia**. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1965.

HEGEL, G. W. F. The Philosophy of Aristotle. [S.l]: **The Journal of Speculative Philosophy**, v. 5, n. 2, p. 180-192, abr./1871.

HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber et al. Petrópolis: Vozes, 2016.

NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. A Ciência da Lógica no sistema hegeliano. [S.l]: **Kínesis**, v. 2, n. 3, p. 144-156, abr.2010.

NOVAK, Michael. A Key to Aristotle's 'Substance'. [S.l]: **Philosophy and Phenomenological Research**, v.24, n. 1, p. 1-19, set./1963.

ROSENFELD, Denis Lerrer. A Ciência da Lógica de Hegel como Filosofia primeira. [Pernambuco]: **Ágora Filosófica**, ano n 13, n. 1, p. 201-216, jan./jun. 2013.

TAYLOR, Charles. **Hegel: sistema, método e estrutura**. São Paulo: É Realizações, 2014.

WOHLFART, João Alberto. A lógica do ser de Hegel. **Veritas**, Porto Alegre, v. 62, n. 2, p. 467-475m mai./ago. 2017. Resenha da obra de HEGEL, G. W. F. Ciência da Lógica: 1. A doutrina do ser. Tradução de Christian Iber et al. Petrópolis: Vozes, 2016.

Laura de Oliveira Mello Figueiredo

Doutoranda em Filosofia, área de concentração em Ética e Filosofia Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), área de concentração de Fundamentos Constitucionais de Direito Público e Direito Privado. Graduada em Direito, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Integrante do Grupo de Pesquisas Avançadas em Direito Tributário (GTAX) da PUCRS. Advogada em Zanella Advogados Associados.
E-mail: laura.figueiredo@acad.pucrs.br

Submetido: 18/08/2020

Aprovado: 10/11/2020